

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 00

Data: 26.08.79

Pg.: 22

Suruí: Apoena pode afastar-se da Funai

Do correspondente em
PORTO VELHO

O sertanista Apoena Melrelles, que juntamente com seu pai, Francisco Melrelles, conseguiu atrair os índios suruí e, no momento, é o delegado da Oitava Região da Funai, disse ontem em Porto Velho que se encontra desestimulado com a falta de solução para a questão suruí e lembrou que se não houver uma tomada de posição para retirar os colonos vai-se afastar da Funai, "porque não vejo mais sentido continuar trabalhando numa coisa em que já não acredito".

Depois de saber da queixa dos índios Itabira e pipirã, Apoena lembrou que "há algum mistério na terra dos suruí. Em Nonoai o governo retirou cinco mil famílias e aqui não dá solução. Acho que resolver o problema dos suruí é ponto de honra para mim e se não houver solução não verei então mais razão para continuar na Funai".

Apoena não nega que pode haver um conflito entre os índios e os colonos invasores, "mas o governo já foi alertado publicamente para o problema; se há incapacidade é do próprio governo em tomar uma decisão que é prevista em lei". E Apoena mostra o artigo 25 do Estatuto

do índio e, no mesmo documento, o artigo 34, relativo à propriedade da terra pelo índio.

O sertanista nem pensa em iniciar outra atração que já está prevista — a dos uru-eu-wauwau, no vale do Guaporé. "Eu só vou me lançar em outra atração quando a Funai resolver o caso dos suruí. Não adianta ficar atraindo os índios para eles sofrerem o que os suruí vêm sofrendo. O que vem acontecendo no posto Sete de Setembro é a própria negação do Estatuto do índio."

Chamado de "papai Apó" pelos suruí, Apoena teme ficar na mesma situação em que se encontra o sertanista Aymoré Cunha da Silva, diretor do Parque Aripuanã. "Eles já perderam a confiança no Aymoré. Essa vinda deles dois aqui sem consultar o Aymoré é sinal disso e fica perigoso para continuar o trabalho. O Aymoré vem com eles há anos, pedindo que tenham paciência, mas eles pensam que a solução pode ser dada por nós e dizem que já estão cansados de esperar."

Apoena entende que se os suruí não partiram ainda para a guerra "foi porque estão inferiorizados numericamente e não se sentem em segurança". Mas, se a situação perdurar "vai chegar a um ponto em que ficarão de-

sesperados e então vão partir para a luta".

Os suruí dão pouca despesa para a Funai na questão de alimentação. No momento, estão recebendo vacinação. "Eles têm suas roças e o grupo que antes morava no espigão — e que em 1976 foi atraído por Apoena e Aymoré para dentro do posto — planta café e milho. Agora, sem os campos de caça e até com o peixe escasseando, eles se desesperam e as mulheres acabam fazendo tal pressão que os homens acabam lutando".

Apoena nem pensa em tirar os suruí de onde estão: "Isso é impossível. Eles preferem morrer. Além disso, é ilegal tirar o índio de onde se encontra. Os responsáveis diretos por eles somos nós. O que não compreendo é por que não se dá solução. Ainda na semana passada fomos até a Transamazônica e retiramos duas serrarias que estavam no quilômetro 145. Com os suruí não tem jeito".

Mesmo desestimulado, Apoena não pára de enviar relatórios para o presidente da Funai, Ademar Ribeiro, e para o governador Jorge Teixeira. "Mas vai chegar um tempo que nem isso vai adiantar e os suruí vão acabar perdendo a confiança em nós."

Índios exigem saída de colonos

O líder suruí Itabira chegou ontem a Porto Velho para tentar uma entrevista com o governador Jorge Teixeira, quando o índio deverá pedir que o governo tome providências e retire da área suruí, no Posto Sete de Setembro, mais de 300 famílias de colonos que desde 1972 vêm invadindo a região do Parque Aripuanã, município de Cacoal e onde em 1976 houve atritos sérios, com saques e mortes.

Depois de chegar, de carona, num avião, Itabira e seu companheiro Pipirã foram conversar com o sertanista Apoena Melrelles, delegado da 8ª Delegacia Regional da Funai. Os índios estão revoltados com a situação e já chegaram a não confiar mais no diretor do Parque Aripuanã, o sertanista Aymoré Cunha da Silva.

"Aymoré só diz para ter paciência. Mas a paciência já se foi e agora índio só quer que Apoena resolva o problema", diz Itabira, contando que os colonos já des-

mataram e queimaram grandes áreas, tornando quase impossível conseguir alguma caça e até mesmo pescar no rio Branco — próximo à sede da aldeia suruí — já ficou difícil, porque os colonos usam até bombas para apanhar os peixes.

Itabira diz que quem mais está pressionando os suruí para uma reação são as mulheres. "Elas ficam zangadas porque não encontram o "gongo" (espécie de larva do babaçu, muito apreciada pelos suruí) e, além do mais, os colonos vêm cortando todos os palheiros, não dando opção para a construção das casas dos índios.

Irritado, Itabira disse que sua gente "vai esperar até o outro verão". E que depois os índios certamente vão lutar. Segundo ele, os colonos têm invadido não só as áreas do Posto Sete de Setembro, mas, também, as roças plantadas pelos índios, queimando tudo.

"Quero conversar com gover-

nador e Apoena antes que eu esquente a cabeça e saia matando brancos por aí. Colonos trouxeram doenças e malária. Meu povo tem fome e não tem mais onde caçar e agora estão dizendo que não obedecem mais Itabira, que diz sempre para ter paciência e esperar Apoena."

No ano passado, Itabira chegou a ir até Cacoal para comprar armas, não conseguindo pela intervenção do sertanista Aymoré Silva, diretor do Parque Aripuanã e de alguns moradores de Cacoal, amigos dos suruí. Esta semana ainda, Itabira e Pipirã deverão conversar com o governador. Em 1976, Itabira — que sem ser o chefe da tribo, que é dirigida pelo velho cacique Dick Boba é, no entanto, o líder dos 400 suruí — chefou uma marcha para as selvas, sendo necessária a vinda do próprio ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, que então se comprometeu a demarcar a reserva suruí, o que foi feito, e a tirar os colonos, o que, até agora, não aconteceu.